



GALERIA DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

gravuras de

AMÍLCAR DE CASTRO

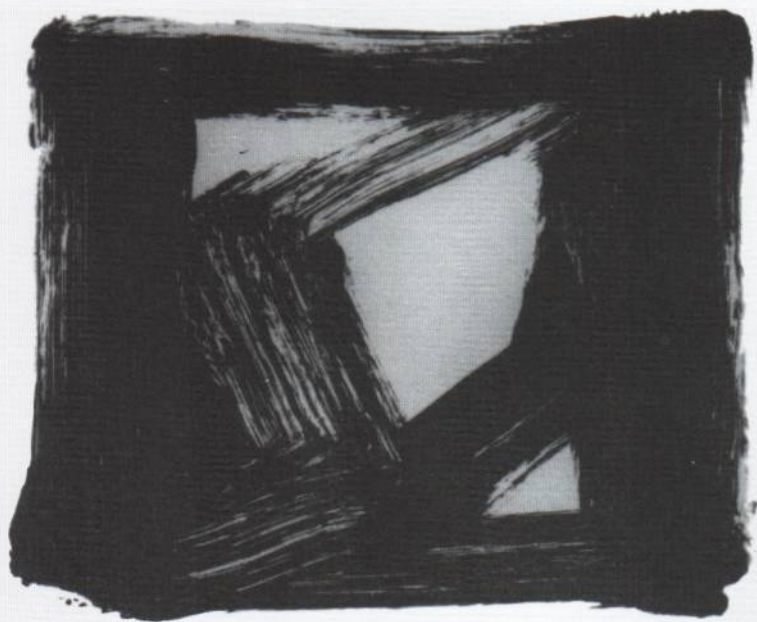
ANTÔNIO DIAS

IBERÊ CAMARGO

SERGIO FINGERMAN

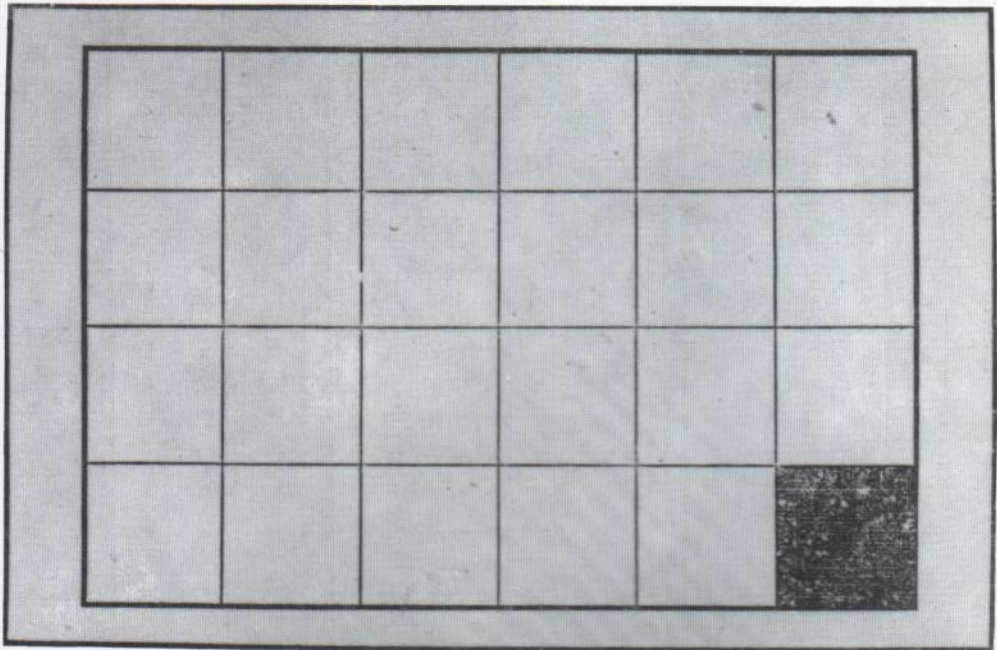
INAUGURAÇÃO 3ª FEIRA 10 DE AGOSTO ÀS 21 HORAS · 10 A 29 DE AGOSTO DE 1993
RUA JARDIM BOTÂNICO, 414 TEL. 226-1879 2ª A 6ª 10:00 ÀS 19:00 HS. SÁB. E DOM 10:00 ÀS 17:00 HS.

AMILCAR DE CASTRO

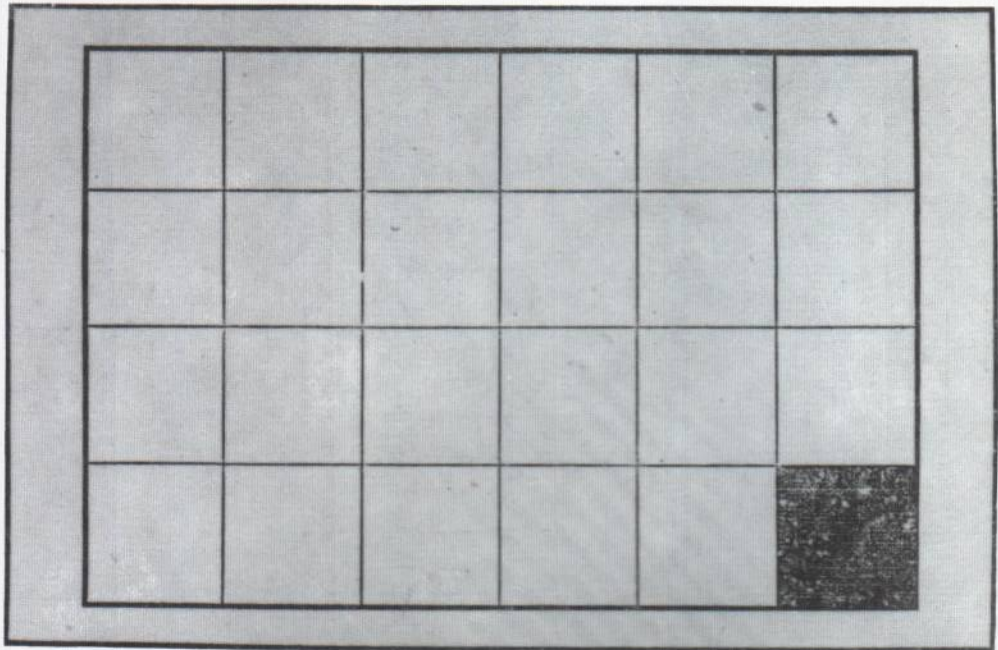


LITOGRAFIA, SEM TITULO 1992

AMILCAR DE CASTRO inicia suas atividades no campo gráfico ainda nos anos 40 quando participa em Minas Gerais das campanhas políticas da Esquerda Democrática para as quais produziu cartazes tornando-se, no início dos anos 50, diagramador no Rio de Janeiro. Em 1953 trabalha como diagramador nas revistas "A Cigarra" e "Manchete" e realiza sua primeira escultura construtiva. Na 2ª metade dos anos 50 estrutura a reforma gráfica do Jornal do Brasil e prossegue ao longo dos anos 60 suas atividades de diagramador gráfico. No final dos anos 60/início dos anos 70 desenvolve no exterior (E.U.A.) atividades voltadas sobretudo para a escultura mas que, certamente, se beneficiaram de sua experiência no campo da linguagem gráfica. Retornando ao Brasil nos anos 70, dedica-se ao ensino e à pesquisa do desenho, da escultura, da composição e da teoria da forma mas, também, produz esculturas e desenhos. Estes desenhos, nos anos 80, serão transpostos para litografias e para gravuras em metal. Assim, embora formalmente a produção de gravuras de Amilcar de Castro date dos anos 80, elas são portadoras de sua linguagem gráfica desenvolvida desde os anos 40.



ANTÔNIO DIAS editou, em 1977, um álbum intitulado "TRAMA" contendo dez lâminas xilografadas sobre papel Nepal. Estes trabalhos - raramente exibidos na íntegra - representariam uma relação episódica de Antônio Dias com a questão gráfica se não considerássemos seu trabalho (desenvolvido a partir de 1972) sob o tema geral "A ilustração da arte". Nos diversos trabalhos da série, a delimitação de espaços no interior do espaço-tela tornava evidente uma dimensão de paginação/diagramação gráfica. Paginando telas, Antônio Dias incorpora o gráfico na pintura e no desenho tornando o experimento singular de "TRAMA" não um elemento isolado em sua obra, mas uma dimensão importante de sua poética: o discurso da matéria.



ANTÔNIO DIAS editou, em 1977, um álbum intitulado "TRAMA" contendo dez lâminas xilografadas sobre papel Nepal. Estes trabalhos - raramente exibidos na íntegra - representariam uma relação episódica de Antônio Dias com a questão gráfica se não considerássemos seu trabalho (desenvolvido a partir de 1972) sob o tema geral "A ilustração da arte". Nos diversos trabalhos da série, a delimitação de espaços no interior do espaço-tela tornava evidente uma dimensão de paginação/diagramação gráfica. Paginando telas, Antônio Dias incorpora o gráfico na pintura e no desenho tornando o experimento singular de "TRAMA" não um elemento isolado em sua obra, mas uma dimensão importante de sua poética: o discurso da matéria.

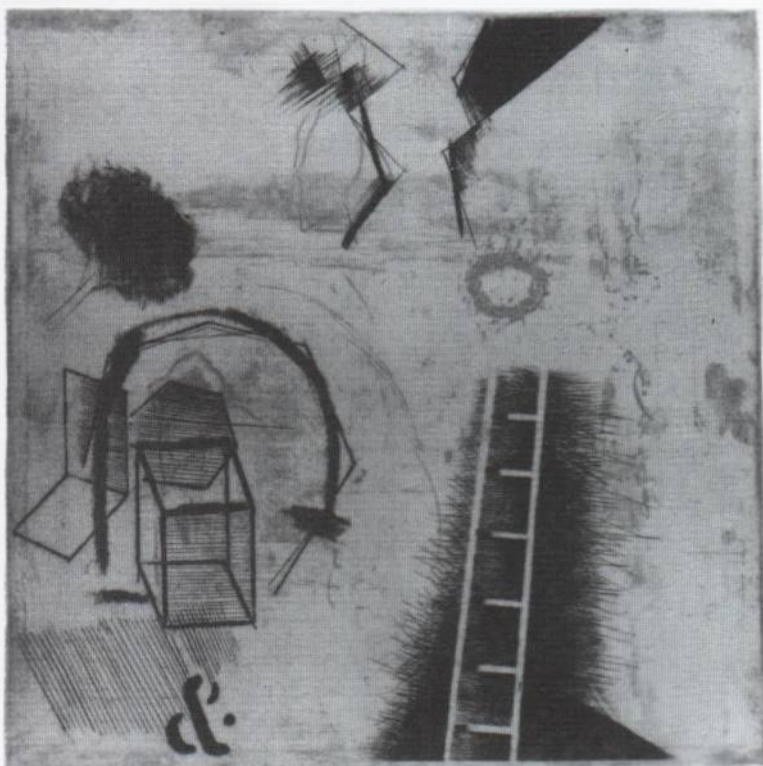
IBERÊ CAMARGO



ÁGUA-FORTE ÁGUA-TINTA SEM TÍTULO 1988 49,8x29,5 CM

IBERÊ CAMARGO desenvolve desde os anos 40 uma produção relativamente ininterrupta em gravura (a única interrupção esteve restrita ao período 1973 / início dos 80) que integra, embora com autonomia, sua linguagem plástica. Não existe, portanto, em sua obra oposição ou relação de excludência entre gráfico e pictórico, pois é na tensão entre estas duas linguagens - que em sua obra se retroalimentam - que se fundamenta o processo criativo do artista. A relação de Iberê Camargo com a gravura não se esgota no plano da produção de águas-forte e águas-tinta. Professor e investigador agudo - seu livro "A Gravura", recentemente reeditado, é uma das raras peças bibliográficas produzidas por um gravador brasileiro - não só formou outros artistas como desempenhou um importante papel na produção e na difusão de conhecimentos sobre a linguagem gráfica no Brasil.

SERGIO FINGERMANN



PONTA E BURIL SEM TÍTULO 1993 34X34 CM

SERGIO FINGERMANN inicia em meados dos anos 70 uma produção em gravura centrada em águas-forte, águas-tinta e buris de grande qualidade artesanal. O domínio do métier gráfico - a despeito de sua formação quase autodidata - não representou para Fingermann uma sedução pela permanência de uma única linguagem. Simultaneamente pintor e gravador, Fingermann elabora um discurso plástico-formal no qual a renovação técnica e estética não é um elemento secundário. Assim, sua gravura opera um conjunto de renovações no âmbito da linguagem gráfica - permutações contínuas de matrizes em contínua mutação, recuperação do fondino do sec. XVIII como agente da individualização da obra gráfica, incorporação do papel artesanal como suporte para impressão - que não estão desvinculadas de problemas formais propostos por sua pintura. Fingermann assume, deste modo, duas relações com o tempo produtivo: o rápido e o direto da pintura e o lento e o reflexivo da gravura.



GALERIA DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS

exposição de gravuras
AMÍLCAR DE CASTRO
ANTÔNIO DIAS
IBERÊ CAMARGO
SÉRGIO FINGERMANN

curadoria
CARLOS MARTINS

texto
GEORGE KORNIS

design
VALÉRIA NASLAUSKY

editoração eletrônica
AFRANIO DE SOUZA

assistente de produção
FÁTIMA MAGALHÃES

divulgação
VERA ALVAREZ

montagem
NELSON AUGUSTO

assistente de montagem
IRACI LAURINDO DE OLIVEIRA

iluminação
HOMERO G. MORAES

pintura
DENIL GOMES

apoio cultural



FILIPERSON
PAPÉIS ESPECIAIS

PRISMA
Informática



GENERALI
seguros

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
DO RIO DE JANEIRO
departamento geral de escolas de arte

ESCOLA DE ARTES VISUAIS
PARQUE LAGE

diretor
JOÃO CARLOS GOLDBERG
coordenadora geral
GIODANA HOLANDA
coordenadora de ensino
SUZANA QUEIROGA
coordenador de exposições
NELSON AUGUSTO